

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Gregório de Matos

Texto-fonte: Obra Poética, de Gregório de Matos,
3ª edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

Crônica do Viver Baiano Seiscentista

Índice

OS SEUS DOCES EMPREGOS

ESTA SATYRA DIZEM QUE FEZ CERTA PESSOA DE AUCTORIDADE AO POETA, PELO TER SATYRIZADO, COMO FICA DITO, E A PUBLICOU EM NOME DO VIGARIO LOURENÇO RIBEYRO.

ESCANDALIZADO O POETA DA SATYRA ANTECEDENTE, E SER PUBLICADA EM NOME DO VIGARIO DE PASSÉ LOURENÇO RIBEYRO HOMEM PARDO, QUANDO ELLE ESTAVA INNOCENTE NA FACTURÁ DELLA, E CALLAVA PORQUE ASSIM CONVINHA: LHE ASSENTA AGORA O POETA O CACHEYRO COM ESTA PETULANTE SÁTIRA.

RESPOSTA DO VIGARIO LOURENÇO RIBEYRO ESCANDALIZADO DE QUE O POETA Ó SATYRIZASSE DO MODO QUE FICA DITO.

A CERTO FRADE QUE SE METTEO A RESPONDER À HUMA SATYRA, QUE FEZ O POETA, ELLE AGORA LHE RETRUCO COM ESTOUTRA.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

9 - BRIGA, BRIGA

pois sabe, que hás de apanhar
mais de quatro bordoadas

Pe. Lourenço Ribeiro, vigário de Passé

Ilustre e reverendo Frei Lourenço,
Quem vos disse, que um burro tão imenso,
Siso em agraz, miolos de pateta
Pode meter-se em réstia de poeta?

**ESTA SATYRA DIZEM QUE FEZ CERTA PESSOA DE AUCTORIDADE AO POETA,
PELO TER SATYRIZADO, COMO FICA DITO, E A PUBLICOU EM NOME DO VIGARIO
LOURENÇO RIBEYRO.**

- 1 Hoje a Musa me provoca,
a que bem pelo miúdo
nada cale, e diga tudo,
quanto me vier à boca:
como digo, hoje me toca
meter minha colherada,
que nem sempre ter calada
a boca parece bem:
mas não o saiba ninguém.
- 2 Parece, que já começo
a dizer alguma cousa,
e para que o mundo me ouça,
já mil atenções lhe peço:
que não sou sábio, confesso,
para falar elegante;
porém digo, andando avante,
que vejamos o desdém;
mas não o saiba ninguém.
- 3 Conheça toda a Bahia,
quem é o sátiro magano,
que lhe há feito tanto dano
desonrando-a cada dia:
pois sem ser de estrebaria,
mais do que um burro esfaimado,
se jacta de grão letrado,
sendo asninho parlafrém:
mas não o saiba ninguém.

- 4 Ser a todos preferido
no saber, é, o que pertende:
porém quem se não entende,
mal pode ser entendido:
mas se é sábio, e advertido,
como em vez de achar ventura
foi topar na cornadura,
que demasiada tem:
mas não o saiba ninguém.

- 5 Quis por ser em tudo novo,
que é somente o que ele quer,
ter consigo uma mulher,
que é também de todo o povo:
eu só nesta parte o louvo
de discreto, e de entendido,
pois que quis ser seu marido
juntamente com mais cem;
mas não o saiba ninguém.

- 6 Como cão, que acha dinheiro,
se contentou da consorte,
que merecendo-lhe a morte,
existe a puta em viveiro:
imaginou ser primeiro,
porém outros antes dele
lhe tinham surrado a pele,
que ele rói d'aquém d'além:
mas não o saiba ninguém.

- 7 Por segundo caracol
se deve já conhecer,
porque lhe há posto a mulher
os cornos, que deita ao sol:
por tal o tenho em meu rol
para o meter em dous fornos,
porque lhe aqueçam os cornos,
e se lhe contem também:
mas não o saiba ninguém.

- 8 De Vulcano sei, que herdou
o saber mui bem malhar,
não a Bártolo ensinar,
como sei, que se gabou:
se dissera; que o forjou
seu Avô estando malhando,
crédito lhe iria dando,
segundo aqui se contém:
mas não o saiba ninguém.

- 9 Nunca soube fazer veso,
senão como tiririca,
porque como ela é, que pica,

e corta todo o universo:
pica a todos por perverso;
mas foi ele bem picado,
conforme nos hão contado,
os que de Lisboa vêm:
mas não o saiba ninguém.

- 10 Com levar tantos vaivéns
ficou com cara mui leda
letrado de três a moeda,
ou de três por dous vinténs:
só lhe dão os parabéns
outros asnos como ele,
como se ele fosse alguém:
mas não o saiba ninguém.
- 11 Que fora Juiz, se alista
este burro, este asneirão,
e com tal jurisdição
nada teve de Jurista:
e por mais que ser insista
Juiz, como significa,
então maior asno fica,
dos que vão, e dos que vêm:
mas não o saiba ninguém.
- 12 Mui contente, e muito ledo
mostra, que não tem mais trato,
do que arranhar como gato
no Parnaso de Quevedo:
traz o mundo em um enredo
com sátiras tão malditas,
que achando-as em livro escritas
se admiram todos, que as vêem:
mas não o saiba ninguém.
- 13 Todas as tenho contadas
neste Parnaso das Musas,
que ficaram mui confusas,
vendo, que as tinhas furtadas:
ao português retratadas
no castelhano as acharam,
e como mudas ficaram
posto que não vai, nem vem:
mas não o saiba ninguém.
- 14 A todos sátiras fez,
sem ninguém excetuar,
porém não lhe há de faltar,
quem lhe faça desta vez:
se eu estou bem nos meus três,
agora fica talhado,
pois o corte, que lhe hei dado,
parece, que lhe está bem:

mas não o saiba ninguém.

- 15 Que fora Juiz de fora,
diz, que passa na rivera,
mas que fora de Juiz era,
afirmarei eu agora:
porque em seu peito não mora,
nem justiça, nem razão,
pois não está em sua mão
jamais poder falar bem:
mas não o saiba ninguém.
- 16 Mui caro lhe tem custado
o mais do que tem escrito,
pois o não livrou seu dito,
dos que lhe haviam jurado:
o muito, que tem falado,
(se acaso me não engano)
me fez ouvir, que a Fulano
mataram, e eu direi quem:
mas não o saiba ninguém.
- 17 Por debaixo de uma amarra
na Nau, em que se embarcou,
este magano escapou
té sair fora da barra:
e por ver já cousa charra,
o não ter ele vergonha,
é razão, que o descomponha
de quanto à boca me vem:
mas não o saiba ninguém.
- 18 Boca, que males há feito,
bem é, que males se faça,
boca, que para mordança
só parece, que tem jeito:
eu se isto tomar a peito,
juro a Deus onipotente,
não lhe deixar um só dente,
pois que morde, e diz a quem:
mas não o saiba ninguém.
- 19 Já que a todos descompõe,
quis agora por meu gosto,
que ele fosse o descomposto,
para ver se se compõe:
mil males sobre si põe,
quem de todos fala mal,
e assim que já cada qual
me pode dizer amém:
mas não o sabia ninguém.
- 20 De Cristão não é, senão
de herege, tudo, o que obra,

pois nele a heresia sobra,
e lhe falta o ser cristão:
remetê-lo à Inquisição
já uma vez se intentou,
mas bem veis, quem atalhou,
senhores, tão grande bem:
mas não o saiba ninguém.

21 Digo-te já de enfadado,
que se fores atrevido,
não só te há de ver perdido,
mas sim de todo acabado:
olha, que o que tens falado,
é mui bastante motivo
para te não deixar vivo,
do teu falar mal te vem:
mas não o saiba ninguém.

22 Não cuides me hás de escapar
por mais oculto que estejas,
para que magano vejas,
Há, quem te possa ensinar:
emenda esse teu falar,
corta essa língua mordaz,
vê, que este aviso te faz,
quem ela mordido tem:
mas não o saiba ninguém.

ESCANDALIZADO O POETA DA SATYRA ANTECEDENTE, E SER PUBLICADA EM NOME DO VIGARIO DE PASSÉ LOURENÇO RIBEYRO HOMEM PARDO, QUANDO ELLE ESTAVA INNOCENTE NA FACTURA DELLA, E CALLAVA PORQUE ASSIM CONVINHA: LHE ASSENTA AGORA O POETA O CACHEYRO COM ESTA PETULANTE SÁTIRA.

1 Um Branco muito encolhido,
um Mulato muito ousado,
um Branco todo coitado,
um canaz todo atrevido:
o saber muito abatido,
a ignorância, e ignorante
mui ufano, e mui farfante
sem pena, ou contradição:
milagres do Brasil são.

2 Que um Cão revestido em Padre
por culpa da Santa Sé
seja tão ousado, que
contra um Branco ousado ladre:
e que esta ousadia quadre
ao Bispo, ao Governador,
ao Cortesão, ao Senhor,
tendo naus no Maranhão:

milagres do Brasil são.

- 3 Se a este podengo asneiro
o Pai o alvanece já,
a Mãe lhe lembre, que está
roendo em um tamoeiro:
que importa um branco cueiro,
se o cu é tão denegrido!
mas se no misto sentido
se lhe esconde a negridão:
milagres do Brasil são.
- 4 Prega o Perro frandulário,
e como a licença o cega,
cuida, que em púlpito prega,
e ladra num campanário:
vão ouvi-lo de ordinário
Tios, e Tias do Congo,
e se suando o mondongo
eles só gabos lhe dão:
milagres do Brasil são.
- 5 Que há de pregar o cachorro,
sendo uma vil criatura,
se não sabe da escritura
mais que aquela, que o pôs forro?
quem lhe dá ajuda, e socorro,
são quatro sermões antigos,
que lhe vão dando os amigos,
e se amigos tem um cão:
milagres do Brasil são.
- 6 Um cão é o timbre maior
da Ordem predicatória,
mas não acho em toda história,
que o cão fosse pregador:
se nunca falta um Senhor,
que lhe alcance esta licença
a Lourenço por Lourença,
que as Pardas tudo farão:
milagres do Brasil são.
- 7 Já em versos quer dar penada,
e porque o gênio desbrocha,
como cão a troche-mocha
mete unha e dá dentada:
o Perro não sabe nada,
e se com pouca vergonha
tudo abate, é, porque sonha,
que sabe alguma questão:
milagres do Brasil são.
- 8 Do Perro afirmam Doutores,
que fez uma apologia

ao Mestre da poesia,
outra ao sol dos Pregadores:
se da lua aos resplandores
late um cão a noite inteira
e ela seguindo a carreira
luz sem mais ostentação:
milagres do Brasil são.

9 Que vos direi do Mulato,
que vos não tenha já dito,
se será amanhã delito
falar dele sem recato:
não faltará um mentecapto,
que como vilão de encerro
sinta, que dêem no seu perro,
e se porta como um cão:
milagres do Brasil são.

10 Imaginais, que o insensato
do canzarrão fala tanto,
porque sabe tanto, ou quanto,
não, senão porque é mulato:
ter sangue de carrapato
ter estoraque de congo
cheirar-lhe a roupa a mondongo
é cifra de perfeição:
milagres do Brasil são.

RESPOSTA DO VIGARIO LOURENÇO RIBEYRO ESCANDALIZADO DE QUE O POETA Ó SATYRIZASSE DO MODO QUE FICA DITO.

1 Doutor Gregório Guaranha,
pirata do verso alheio,
caco, que o mundo tem cheio,
do que de Quevedo apanha:
já se conhece a maranha
das poesias, que vendes
por tuas, quando as empreendes
traduzir do Castelhana;
não te envergonhas, magano?

2 Cuida o mundo, que são tuas
as sátiras, que acomodas,
suponho que a essas todas
pode chamar obras suas:
os rapazes pelas ruas
o andam publicando já,
e o mundo vaia te dá,
quando vê tal desengano
não te envergonhas, magano?

3 O soneto, que mandaste
ao Arcebispo elegante

é do Gôngora ao Infante
Cardeal, e o furtaste:
logo mal te apelidaste
o Mestre da poesia
furtando mais em um dia,
que mil ladrões em um ano:
não te envergonhas, magano?

4 Cuidas, que os outros não sabem?

O que sabes, é mui pouco,
e assim te gabas de louco
temendo, que te não gabem:
só nos ignorantes cabem
as asneiras, que em ti vemos,
pelas quais te conhecemos
seres das honras tirano:
não te envergonhas, magano?

5 Não há no mundo soldado,

cavalheiro, homem ciente,
que tu logo maldizente
não deixes vituperado:
porém dizes mal do honrado
ou por ódio, ou por inveja,
ou porque o teu gênio seja
fazer aos honrados dano:
não te envergonhas, magano?

6 Dizes mal alguma vez,

dos que não procedem bem;
mas dirás, que não convém,
por serem, como tu és:
dize do Pai, que te fez,
que bem tens, que dizer dele
o mal, que há na tua pele,
já que ninguém te acha humano:
não te envergonhas, magano?

7 Se com sátiras tu só

a todos desacreditas,
trazendo sempre infinitas
no forge de teu Avô:
como não temes, que o pó
te sacuda algum bordão:
pois sabes, que a tua mão
não pega obras de Vulcano!
não te envergonhas, magano?

8 Sendo Neto de um Ferreiro

trazes espada de pau,
nisso fazes, berimbau,
o adágio verdadeiro:
porém se em nada és guerreiro,
para que te chamas guerra,

e a fazes a toda a terra
co'a língua, que é maior dano?
não te envergonhas, magano?

- 9 Tua Avó, de quem tomaste
de Guerra o falso apelido
a um, e a outro marido
lhe fez de cornos engaste:
se temes, que te não baste
por agora, o que ela fez,
na tua cabeça vês
milhares deles cada ano:
não te envergonhas, magano?
- 10 Sendo casado em Lisboa,
achava logo qualquer
remédio em tua mulher,
e se provou, era boa:
a fama desta outra soa
não menos que na Bahia;
sendo tua não podia
deixar de ter gênio humano:
não te envergonhas, magano?
- 11 Pois é cousa bem sabida,
que o teu casamento sujo
veio por um Araújo,
que a tinha bem sacudida:
casou contigo saída
da casa dele, onde esteve
por sua amiga, e não deve
dizer alguém, que te engano:
não te envergonhas, magano?
- 12 Fazes, o que fez teu Pai,
porque a mesma fama cobres,
que por fazer bem a pobres
amou muito à tua Mãe:
na tua progênie vai
herdado como de ofício,
pois toma por exercício
dar carne ao gênero humano:
não te envergonhas, magano?
- 13 Tuas Irmãs se casaram
publicamente furtadas,
e há, quem diga, que furadas
d'outros, que se não declaram:
oh se as paredes falaram!
inda hoje bem poderias
ouvir várias putarias
de tanto caminho lhano:
não te envergonhas, magano?

- 14 Teu Pai foi outro Gregório
no pouco asseio, e limpeza,
de cuja muita escareza,
se lembra este território:
que andou roto com notório
escândalo, até fazer
o luto, que quis trazer
por certo Rei em tal ano:
não te envergonhas, magano?
- 15 De teus Irmãos te asseguro,
que têm sido na Bahia
um labéu da companhia,
outro sequaz do Epicuro:
mas ambos juntos te juro,
que em nenhum vício te igualam;
oh que de causas se falam,
e todas tanto em teu dano!
não te envergonhas, magano?
- 16 Dizes, que dos Pregadores
o sol é teu Irmão, quando
Vieira está-se aclamando
pelo melhor dos melhores?
dizes, que aos esfregadores
pode dar ele lições;
não sabes quantos baldões
tem sofrido pelo cano?
não te envergonhas, magano?
- 17 Diga esse Frade maldito,
se injuriado ficou,
quando co'a negra se achou
na mesma cama do Brito:
sei, que se ria infinito,
quando o Pintor lhe quis dar
depois de o injuriar,
vendo-o com a amiga ufano:
não te envergonhas, magano?
- 18 O que se riu numa festa,
dando ele satisfação
d'alma daquele sermão
publicou, que era mai besta:
e se tudo isto não presta,
para maior glória sua,
veja-se amando a Perua
que diz, que Eusébio é seu mano:
não te envergonhas, magano?
- 19 Se teu Irmão este é,
como é sol dos Pregadores?
e se tens erros maiores,
que nome é bem, que te dê?

lembra-te o quanto na Sé
escandalizou a todos
o pícaro dos teus modos,
arnando sempre o profano:
não te envergonhas, magano?

20 Por não querer confessar-te,
o Cura te declarou,
e esta Quaresma tornou
o Vigário a declarar-te:
da Igreja o vi lançar-te
em uma solene festa;
mas tu de uma acção como esta
não te corres, sendo humano:
não te envergonhas, magano?

21 Tens mudado mais estados,
que formas teve Proteu,
não sei, que estado é o teu,
depois de tantos mudados:
sei, que estamos admirados
de te vermos rejeitar
a murça capitular,
para casar como insano:
não te envergonhas, magano?

22 A nenhum jurista vês
que logo não vituperes,
chamando-lhe néscio, e queres
contradizer, quanto lês:
eu sei, que mais de uma vez
disseste já na Bahia,
que Bártolo não sabia,
e que era um asno Ulpiano:
não te envergonhas, magano?

23 Arrezoando em um feito,
por mofar do Julgador,
fizeste do mal pior,
fazendo torto o direito:
porém se no teu conceito
todos os mais sabem nada,
tua ciência é palhada,
se se vê com desengano:
não te envergonhas, magano?

24 Lembra-te, quando o Prelado
pelas tuas parvoíces
decretou, que te despisses
do hábito atonsurado:
não ficaste envergonhado,
porque não há, quem te ponha
na cara alguma vergonha
ante o Povo Baiano:

não te envergonhas, magano?

25 Vieste de Portugal
acutilado, e ferido,
e do Burgo socorrido,
a quem pagaste tão mal:
essa sátira fatal
te desterrou a esta terra,
mas cutiladas em guerra
sempre as de o valor humano:
não te envergonhas, magano?

26 Admira excessivamente,
que mandando-te apear
certo homem para te dar
disseste "não sou valente":
mas se és galinha entre gente,
assim havias fazer,
cacarejar, e correr,
que em ti é officio lhano:
não te envergonhas, magano?

27 Fala de ti, que bem tens,
que falar de ti, Gregório,
e a todo o mundo é notório,
que tens males, e não bens:
não queiras pôr-te aos iténs,
com quem sobre castigar-te
sei, que há de esbofetear-te,
e com este desengano,
não te envergonhas, magano?

28 Vê, que te quero cascar
por outra sátira agora,
pois nem a ver o sol fora,
queres à porta chegar:
pois sabe, que hás de apanhar
mais de quatro bordoadas,
e com maiores pancatas,
que as do teu papel insano:
não te envergonhas, magano?

**A CERTO FRADE QUE SE METTEO A RESPONDER À HUMA SATYRA, QUE FEZ O
POETA, ELLE AGORA LHE RETRUCO COM ESTOUTRA.**

Ilustre, e reverendo Frei Lourenço,
Quem vos disse, que um burro tão imenso,
Siso em agraz, miolos de pateta
Pode meter-se em réstia de poeta?

Quem vos disse, magano,
Que fará verso bom um Franciscano?
Cuidais, que um tonto revestido em sacco
O mesmo é ser poeta, que velhaco?

Seres mestre vós na velhacaria
Vos vem por reta via
De trajar de burel essa libréia,
E o ser poeta nasce de outra veia;
Não entreis em Aganipe mais na barca,
Porque nela co'a mesma vossa alparca
Apolo tem mandado,
Que vos espanquem por desaforado.

Não sabeis, Reverendo Mariola,
Remendado de frade em salvajola,
Que cada gota, que o meu sangue pesa
Vos poderá a quintais vender nobreza?
Falais em qualidade,
Tendo nessas artérias quantidade
De sangue vil, humor meretricano,
Pois nascestes de sêmen franciscano,
E sobre vossa Mãe em tempos francos
Caíram mil tamancos,
De Sorte que não soube a sua pele,
Se vos fundiu mais este, do que aquele:
E nem vós, Frei Monturo, ou Frade Cisco,
Sabeis se filho sois de São Francisco,
Porque sois, vos prometo,
Filho do Santo não, porém seu neto.

Quem vos meteu a vós, vilão de chapa
A tomares as dores do meu mapa,
Se no mapa, que fiz não se esquadrinha
Linha tão má, como é a vossa linha?

Mas como comeis alhos,
Vos queimais, sem chegares aos burrinhos;
E se acaso vos toca a putaria,
Que ali pintou a minha fantasia,
Não vos canseis em defender as putas,
Pois sendo dissolutas,
Não vos querem soldado aventureiro,
Querem, que lhe acudais com bem dinheiro;
E querem pelo menos, Frei Bolório,
Que os sobejos lhe deis do refeitório,
Que as dádivas de um Frade
sobejos são da leiga caridade.

E se acaso esforçastes a ousadia
À vista de uma larga companhia,
Ides, Frei Maganão, muito enganado,
Que o capitão pretérito é passado:
Não é cousa possível,
Que vos livre de trago tão terrível;
Tornai em vós, Frei Burro, ou Frei Cavallo,
Que cair sobre vós pode o badalo
De algum celeste signo, que vos abra,
E sem dizer palavra

Vos leve em corpo, e alma algum demônio
Por mau imitador de Santo António;
Confessai vossas culpas, Frei Monturo,
Que anda a morte de ronda pelo muro,
E se na esfera vos topar a puta,
Vos heis de achar no inferno a pata enxuta.

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística